

BENI DYA MBAXI

UMA HISTÓRIA EMOCIONANTE DE DUAS MULHERES CORAJOSAS

A
MENINA DA BURCA



Todos os direitos reservados para todos os países. Este livro não poderá ser reproduzido, publicado ou transmitido, em parte ou no todo, por quaisquer meios (electrónicos, mecânicos, fotográficos ou outros) sem prévia autorização, por escrito, do autor ou da editora. Copyright © autor e a editora

Título: A Menina Da Burca

Autor: Beni Dya Mbaxi

E-mail: benidyambaxi7@outlook.com

Facebook: Escritor Beni 00

Telef.: +244 925 470 545

Editor: J.E.Z editora

Design da capa: Beni Dya Mbaxi

Capa e paginação: J.E.Z editora

Colaboração: Henriques Sungo e JEZ

1.^a Edição: Junho/ 2019

ISBN: 978-1-78972-579-7

À minha querida avó, Maria Augusto Manuel
Mabacala (Em memória). Dedico-lhe este livro por ser
uma mulher muito especial na minha vida. Com ela
passei os melhores momentos, felizes e tristes. Ela foi
minha companheira e sempre será a minha
MULHER.

A mulher pode ficar satisfeita com um único amor, e totalmente realizada, porque, em vez de olhar para o corpo do homem, olha para suas qualidades mais íntimas. Ela não se apaixona por um homem que tem um belo corpo musculoso, apaixona-se, sim, pelo homem que tem carisma – algo indefinível, mas imensamente atraente –, tem um mistério a ser explorado. Ela quer um homem não apenas para ser meramente um homem, mas também para ser uma aventura na descoberta da consciência.

Osho no livro da Mulher

Os gritos vieram de todos os lados e o vento fez com que o povo inalasse o cheiro das balas perdidas no interior do país. No meio daquela confusão, Angola um país que na altura enfrentava uma guerra civil depois de ter ganho o divórcio de uma guerra colonial. A menina Jordin nasceu nos musseques de Luanda, onde a maior parte dos rapazes eram forçados a irem à guerra e os pais de Jordin, idosos que eram, nada mais poderiam fazer para a proteger. Ela com apenas dez anos ouviu sempre os gritos dos seus vizinhos, que eram levados pelos militares, muitos deles bem constituídos nas suas fisionomias, aquele ato era conhecido como rusga, que fez muitas mães doarem às lágrimas ao se despedirem dos seus filhos, muitas não viram o regresso e nem notícias ouviram sobre eles e assim arrancavam os carros que deixavam silêncio nos musseques.

Os pais de Jordin já não suportavam as dificuldades que o país enfrentara, eram agricultores da era colonial e depois da independência resolveram viver na capital, Jordin era a única filha do casal, depois da guerra, o país perdeu algumas instituições

construídas pelos colonos, para o azar de Jordin que era apenas uma menininha na altura, seus pais começaram adoecer e o país não tinha condições suficientes para recuperá-los, e não durou tanto tempo, seus pais morrerem. Seguiu o tempo, numa tarde de alegria, às cadeias de comunicações acabavam de espalhar, que morreu o líder de um grupo que fazia parte da guerra civil e os guerrilheiros do partido oposto, que na sua maioria encontravam-se em Luanda, à capital do país, e outros espalhados noutras zonas do país, Jordin viu os seus vizinhos em gritos e abraços como nunca, a paz veio para limpar às lágrimas daquelas senhoras, que na sua maioria eram quitandeiras das primeiras praças da cidade de Luanda.

A paz obrigou o país a reestruturar quase tudo, que a guerra destruíra e os sorrisos dos angolanos fizeram com que o tempo passara de pressa, Jordin já não tinha mais os seus pais, mas o governo optara pelo sistema de criação de alguns orfanatos para albergar alguns meninos órfãos, que os pais morreram na guerra, o objetivo daqueles orfanatos era de trazer paz

na vida daqueles meninos, e Jordin não escapou desta saga, foi levada para um dos orfanatos, que estava localizada na baixa de Luanda, o orfanato era liderado por missionários europeus.

O orfanato onde foi levada, era um lugar grande, tinha uma capela e a maior parte dos ensinamentos eram religiosos, tinha muitas regras, os rapazes eram proibidos de dormirem no mesmo quartos com às raparigas. A madre superior, a madre Madalena, junto do padre Marcelo eram médicos de profissão, eles ajudavam todas às crianças que se encontravam doente, morreu muitas gentes naquela época, porque a medicina não era tão evoluída devido a guerra civil que o país atravessara, muitos dos intelectuais nacionais encontravam-se no exterior, e com o passar dos tempos, almejavam o regresso deles para ajudarem a reconstruir uma nova nação, desta vez, sem guerra.

Jordin tinha uma amiga que a considerava irmã, chamava-se Maria, sofria de problemas respiratórios, mas o padre Marcelo tudo fazia para cuidá-la, tinha apenas dez anos semelhante a Jordin, elas dividiam o dormitório com mais cinco meninas, amavam-se

muito, adoravam caminhar à ilha de Luanda junto das mães nos dias de passeios, adoravam sentir o barulho da água quando batia na areia e corriam para colocar os pés para sentirem a água. Os rapazes do orfanato não tinham outras alternativas se não ficarem acostumados com os dogmas, mas havia entre eles; um rapaz muito inteligente e atrevido, chamava-se Jack, era o menino que seguia sempre o padre Marcelo para aprender as doutrinas de como se tornar um padre, se encantara com o ser tão manso e compreensivo do padre, que adorava fazer as rodas noturnas para contar os acontecimentos e algumas histórias europeias, as tais histórias carregavam algumas lições de vida. Jack gostava de dizer para os outros rapazes que vai ser um homem de Deus e os outros almejavam ser diferente e sonhavam viver as histórias que ouviam do padre Marcelo, mas Jack sempre os questionava e não sabiam como responder, além de ser um menino muito inteligente era também muito duvidoso, não discordou com a famosa reflexão filosófica que “A dúvida é o princípio da sabedoria”. Certo dia, ele e os seus companheiros caminhavam no pátio e olhavam para às meninas que ficavam do outro lado

do pátio, apenas apreciavam com olhares atentos que atravessavam os arames, que evitavam a passagem para outro lado.

Todos meninos com idades compreendida entre dez aos doze anos, é normal sentirem vontade de brincar e partilhar ideias com outras crianças, mas a instituição não permitia. Portanto, acabavam por apreciar a Jordin e suas companheiras através dos arames, que impedia a passagem, o orfanato era um lugar muito grande com campos para práticas de desportos e um posto médico. E assim corria o tempo, as estórias continuavam a nortear às cabeças dos meninos e às meninas continuavam com as saídas em volta da cidade, que já começara a aparentar mais linda diferente das últimas vezes. Elas cresciam rapidamente, Jordin e à sua amiga Maria passavam o maior tempo na capela, mas também foram persuadidas pelas éticas das mães, e queriam ser como a mãe Madalena e quando saiam da capela adoravam contemplar à ilha de Luanda e aproveitavam também para levarem os trajos que costuravam para às crianças dos outros orfanatos.

Jack com os seus companheiros continuavam com o sonho de um dia saírem daquele lugar e chegarem próximo de uma mulher e construírem às suas próprias famílias e ainda havia outros mais ousados que sonhavam sair do país para conhecerem europa, Américas e Ásia, que muito o padre Marcelo falara, mas era apenas, porque sabiam que quando completarem dezoito anos, teriam que deixar o orfanato e seguiriam às suas vidas, diferente das raparigas que almejavam ficar naquele lugar para substituírem à madre Madalena, mas era impossível porque era obrigação deixarem também lugar para outras crianças órfãos.

Aquele orfanato, um lugar repleto de alegria e de muita fé. Um certo dia, no quarto de Jordin, foi colocado o teste de fé, Maria como sempre tivera problema respiratório, mas naquele dia foi muito prolongada que deixou às suas companheiras muito preocupadas.

— Não consigo respirar! — Falou Maria bem baixinho.

Jordin estava ao seu lado tentando abanar para ver se reanimasse.

— Maria, Mariaaaaa... — Gritou Jordin.

Às outras que estavam num sono profundo, começaram a despertar-se.

— O que se passa Jordin? — Perguntou uma das suas companheiras com ar de preocupação. — Acho que a Maria está a perder o ar novamente.

— Falou Jordin limpando às lágrimas.

— Vou chamar à Madre superior. — Falou a jovem que usava tranças de linhas.

O pânico vestiu outra vez o quarto daquelas jovens, que acabavam de completar dezoito anos, viu-se rios nos seus olhos com medo de perderem sua companheira, a jovem que estava de tranças de linhas que dormia perto da porta, foi à busca da Madre superior, Jordin e outras continuavam a comandar o abano para doarem ar para sua querida companheira. Foi passando alguns minutos, à noite estava fria e a lua

era metade como a jovem que foi chamar à Madre superior.

— Madre, madreeee. Por favor! Precisamos de ajuda.

— Gritou a jovem das tranças de linhas.

A madre ouvindo os gritos, abriu à porta.

— O que foi menina? — Perguntou ébria de sono.

A jovem das carapinhas duras explicou tudo, ambas foram correndo para o quarto, encontraram um grito de silêncio, olhando à situação a madre por pouco chegou a acreditar que desta vez a jovem Maria acabara de morrer, mas ainda estava respirando, a madre voltou de onde veio, a preocupação a vestiu e por um minuto perdera a fé, foi correndo no outro lado do orfanato onde dormia o padre Marcelo e o doutor João que sempre ajudara a Maria nas suas recaídas.

— Padre Marcelooo. — Gritou Madre Madalena.

O padre Marcelo ouvindo os gritos de Madre, despertou-se e foi ter com ela que acabara de explicar tudo. Chegaram no quarto onde estava Maria, encontraram às jovens com os olhos inundados de lágrimas, o padre ficou intimidado com à situação,

levou às mãos à cabeça, viu Maria rodeada das suas companheiras, os passos do padre eram trémulos, pegou-a, levou-a quase correndo em direção ao centro médico, que ficava ao lado da capela.

— Doutor João, Doutor João. — Gritou o padre Marcelo com a Maria ao seu colo e por trás estava a madre preocupada, não tardou o doutor João abriu a porta com o rosto vestido de sono, ficou admirado quando encarou a realidade.

— O que foi? — Perguntou.

Padre Marcelo não deu mais o privilégio de explicar, entrou com a Maria que já não era aquela menina de dez anos já estava adulta, faltava-lhe poucos meses e dias para deixar o orfanato.

— Deita ela aqui, vamos dar os primeiros socorros! — Ordenou o Doutor João preocupado, era a primeira vez que viu a Maria naquele estado, porque nas últimas vezes foram apenas recaídas normais, mas aquela pareceu complicada para o velho médico, o experiente na área.

A madre Madalena estava tão preocupada e os seus olhos encarnados enunciavam lágrimas, ficou arrumando o lençol onde estava deitada a Maria.

— Doutor, Maria vai ficar bem? — Perguntou olhando ao doutor, que estava aplicando o balão de soro.

— Madre, não sei como explicar-te, desde que cheguei é a primeira vez que a vejo neste estado, mas vamos ter fé, aplicarei soro para ver se recupera e tentarei colocar também o oxigénio.

— Espero que funcione, doutor, não me vejo a perder esta menina com um coração tão bondoso. — Falou com as mãos colada no terço, que estava no seu pescoço.

— Se até amanhã não reagir, é melhor levarmos ao hospital Maria Pia. — Sugeriu o padre Marcelo.

— Sim, é melhor amanhã, mas durante à noite, tudo farei com ajuda do nosso senhor Jesus Cristo. — Respondeu Doutor João.

Acenou com à cabeça a madre superior, que continuara com às mãos no terço, padre Marcelo e a

madre decidiram deixar o doutor João cuidar dela que continuara com os olhos fechados, apenas respirando lentamente, quando o padre e a madre abriram à porta viram às jovens com olhares de preocupação.

— Então, Madre Superior, como está a Maria? — Perguntou Jordin com um olhar repleto de lágrimas, suspirou a madre, não queria dizer a verdade para às meninas para não as preocupar, sabia que à sua amiga estava pior que das últimas vezes que tem dado recaídas.

— Ficom calmas, meninas! Tudo está nas mãos do nosso senhor Jesus Cristo e do doutor João, que tudo farão para deixá-la melhor. — Falou madre acariciando às cabeças das meninas, embora aquelas carícias não as acalmassem.

— Meninas, por favor, voltem para o vosso quarto, amanhã é dia de aulas, vocês precisam descansar. — Falou o Padre Marcelo, que estava ao lado apreciar tudo.

Às meninas foram com ânimos baixos, porque aquilo que acontecera com a Maria as deixou muito preocupadas, a madre e o padre seguiram o mesmo

caminho, à noite era linda para se ter um maravilhoso sono, mas era indiferente para a jovem Jordin que passara uma parte da noite olhando pela janela em direção à porta do centro médico, mas não conseguiu ficar à noite toda acordada, o sono resolveu levá-la.

Foi assim que o padre João despertou-se para ver como estava Maria, percebeu que a jovem Maria parou de respirar, ficou apavorado com a situação, abriu a primeira gaveta apenas viu algumas seringas e agulhas, fechou, e na outra, viu luvas, fechou e a terceira estava vazia, a sua preocupação aumentara, levou às mãos à cara, não estava acreditar o que lhe estava acontecer, sabia que a jovem necessitava de um atendimento urgente, girava a sua cabeça de um lado ao outro, viu a chave do carro da ambulância, pegou apressadamente, meteu no bolso e arranjou uma maneira de levar a jovem Maria e resolveu chamar o padre Marcelo e a madre Madalena, ambos chegaram a tempo e seguia o carro com o silêncio das estradas da cidade de Luanda. Eram três horas da madrugada, foram em destino ao hospital Maria Pia e foram recebidos no banco de urgência, mas a triste notícia não demorou para chegar aos homens da fé.

A jovem Maria morreu — Infelizmente à menina chegou já sem vida, lamentamos informar! — Falou o médico que os atendeu.

O mundo desmoronou para à madre Madalena, que não conseguiu conter às lágrimas, o padre Marcelo e o doutor João não acreditaram no que outro doutor dissera, mas sabiam que nada mais poderia se fazer, se não acreditar na triste realidade. Mas, o Doutor João continuava cético, aproximou ao outro doutor.

— Doutor, por favor, diz-me! Será que errei no primeiro socorro? — Não! — Isso no mundo da medicina acontece, ela teve uma paragem respiratória, necessitava de alguns aparelhos de oxigénio. — Respondeu o Doutor do hospital Maria Pia.

O padre Marcelo sabia que desta vida, ninguém sai vivo. Depois de resolverem tudo acerca da integração da jovem Maria à morgue, o dia começara com o brilho do sol que ajudara para ilustrar a perda da jovem Maria. A menina meiga que orfanato viu chegar, a melhor amiga de Jordin, acabara de morrer, não tinham mais nada para fazer naquele lugar, se não regressar ao orfanato, o carro da ambulância

caminhava lento como se soubesse o que se passava no outro mundo, chegaram no orfanato, os semblantes falavam tudo.

— O que foi Madre? Onde está a Maria? — Perguntou Jordin. Eles nada conseguiam dizer, apenas doavam olhares tristes.

— Por favor, Madre responde! Onde está a Maria? — Gritou Jordin.

— Calma, Jordin! — falou o padre Marcelo.

Ela não conseguia entender, o porquê o padre pedia à sua tranquilidade, foi assim que girou à sua cabeça, viu nos olhos da Madre escorrendo lágrimas e percebeu que à sua amiga acabara de morrer, sem ainda ouvir as palavras saindo da boca da madre, deduziu e gritou: — Não, Não, Maria, Mariaaaaa... Jordin desesperada largou o padre e começou a girar em volta do carro da ambulância e olhara nos vidros, apenas viu a maca vazia, sentou triste e chorava inconsolavelmente, cada grito chocava o coração da madre superior, que marcava passos lentos ao encontro de Jordin, o orfanato ouvira os gritos, outros meninos começaram a sair das salas para participarem

das canções de tristezas protagonizadas pela jovem Jordin, os rapazes do orfanato apenas apreciavam tudo através dos arames que separavam os lados.

Os tempos no orfanato foram arrastados pelo luto, as semanas foram negras, às meninas estavam tristes, depois de enterrarem à jovem Maria, o mundo de Jordin perdera às suas pétalas, que davam brilho ao seu jardim onde nenhuma borboleta mais queria lá pousar, tornou-se uma jovem muito solitária, passara o tempo a ler e faltava poucos dias para deixar o orfanato, já estava com dezoito anos, estava preparada para enfrentar uma nova realidade, mas o seu peito estava marcada de saudades de sua querida amiga, que adorava de chamá-la irmã. Depois de passar três dias, faltava um dia para os meninos deixarem o orfanato, jordin foi na capela que ficara ao lado do centro do orfanato, a capela era grande, tinha os bancos de madeiras, a parede pintada toda de branco e tinha uma cruz grande de madeira pintada de cor preta, é para lá onde Jordin olhava fixamente e no seu

olho esquerdo escorria lágrimas, lembrara à primeira vez que entrou na capela acompanhada de sua amiga.

— Jordin, a capela é muito linda! — Disse Maria encantada. — Sim, por isso, que o nosso senhor Jesus Cristo ouve tudo o que dissemos aqui. — Respondeu Jordin.

Sorriu à Maria... — Não é isso! Já esqueceste o que à madre disse ontem no culto, Jesus consegue ouvir-nos em todos os lugares, mas o que deve ser lindo, é os nossos corações e não o lugar em que estivemos. — Respondeu Maria.

— É verdade. — Respondeu Jordin.

Jordin Recordara os velhos tempos, mas infelizmente voltara a realidade e percebeu que estava vestida de solidão e tristeza, chorava inconsolável, sabia que era o último dia para olhar naquele lugar que a viu crescer, a capela era o lugar que amava estar com à sua amiga Maria, que já não fazia parte do mundo dos vivos. No orfanato, o jovem conhecido por todos como Jack, que gostara de Jordin, embora, nunca ouvira sobre isso e por ironia do destino estava também despedir-se da capela e nos seus pedidos,

pedira para que Deus o ajudasse na sua nova etapa de vida, enquanto olhava para a cruz grande de cor preta, lembrara quando entrou naquele lugar, as lembranças fez dos seus olhos escorrerem lágrimas, passando alguns minutos, tinha que se retirar daquele lugar, sabia que mais tarde teria o jantar de despedida, marcava passos firmes como dos homens que enfrentam uma batalha, foi assim que viu Jordin de cabeça baixa.

— Oi, tudo bem contigo? — Perguntou.

Jordin ergueu sua cabeça, viu um rapaz com tom de pele clara, parecia desdente de europeus, seus olhos eram castanhos e cabelo parecia cacheado.

— Sim, estou bem! — Respondeu limpando suas lágrimas.

Jack percebera que Jordin fingia estar bem para não o preocupar, resolveu deixá-la, lembrara que era amiga de maria, a menina que morrera alguns dias, sabia o quanto era difícil perder alguém que amamos. Chegou a hora da festa de despedidas, estavam todos

sentados na sala principal do orfanato, a mesa estava recheada de comidas típicas do país e também de gastronomia europeia, era uma noite repleta de paz e harmonia, todos sorriam abraçavam-se uns aos outros, à madre Madalena e o padre Marcelo, estavam com olhos inundados de alegria não acreditavam que aqueles jovens que entraram naquele lugar recém-nascidos e outros menininhos, agora todos estão grandinhos e tornaram-se homens e mulheres já não podem dizer o que fazer, sabiam que quando o sol nascer, eles vão fazer o que lhes convém.

A noite estava maravilhosa para quem no dia seguinte viveria outra realidade, Jordin estava com um vestido de cor violeta que ganhara de uma visitante, segundo à senhora que a oferecera foi o vestido do seu casamento, tinha um brilho incrível quando às luzes batiam nela. Jordin não parava de olhar para o Jack, que estava conversando, e sorrindo com os seus amigos era a terceira vez que estava perto de um homem, chegou a imaginar que à noite seria maravilhosa, se a sua amiga tivesse por perto para dizer o que sentia, se era apenas uma admiração ou na verdade estava a gostar do Jack, mas infelizmente não

poderia dizer, tinha apenas que ficar com os seus pensamentos, à noite estava dançante com algumas músicas clássicas.

Os jovens divertiam-se sem parar e outros aproveitavam para se conhecerem melhor, diferente de Jordin, que estava sentada sem vontade de dançar, apenas queria apreciar tudo que passava naquela sala grande, que tinha quadros com imagens de alguns missionários europeus. As músicas se responsabilizaram de levar o tempo, no dia seguinte, mais um sol nascera, Jordin estava no portão do orfanato com a sua mala pronta para o seu novo destino e os outros jovens seguiam os mesmos caminhos, o orfanato recebera novos meninos.

Jordin arrendou uma casa num dos bairros do Sambizanga, conseguiu alguns valores com as vendas que faziam nas feiras realizadas na cidade de Luanda, também vendia alguns tecidos bordados e alguns quadros pintados, ela aprendera muitas coisas no orfanato, que lhe possibilitara ganhar um dinheirinho.

Os tempos corriam com a saudade que sentia da sua amiga maria, sonhava sempre com ela. O seu novo lugar, era um bairro muito calmo, Jordin procurava sempre tempo de ir caminhar à ilha de luanda e cada dia notava que a cidade mudara com as novas construções e numa destas suas caminhadas, encontrara o Jack, o rapaz que viu no orfanato, estava sentado olhando para o mar sem desviar o olhar, foi assim que Jordin o despertou. — Oi tudo bem? — Falou Jordin.

Jack ergueu a cabeça, viu em sua frente uma jovem linda com um tom de pele que parecia café com leite que bebera todas às manhãs no orfanato.

— Sim, estou bem e melhor que a vejo! — Respondeu.

— Lembras de mim? — Claro que lembro, eras umas das raparigas do orfanato, não é? — Perguntou Jack com um sorriso no rosto.

— Sim. — Respondeu Jordin com um sorriso de alívio pensara que o Jack já se esqueceu dela.

— Então, agora, já podemos falar com mulheres e vocês com homens, se não estas horas cumpririam uns castigos! — Falou sorrindo e em seguida convidou à Jordin para se sentar ao seu lado.

— Então, Podes dizer o seu nome?

— Claro! — Prazer, sou o Joaquim, mas gosto quando sou chamado de Jack.

— Uau! Olha que a letra inicial do meu nome é também J. — Disse Jordin com um tom alegre como às ondas do mar, que estavam aí apreciar a conversa.

— Sério? Deixa ver se acerto o seu nome... teu nome é... Janeth?

— Estavas quase! — Chamo-me Joana, mas adoro quando sou chamada de Jordin.

— Ok! — Respondeu Jack.

O dia estava ensolarado, os carros passavam em velocidade como às conversas que Jordin e Jack tiveram, acabaram por combinar, foram um, dois, três e vários encontros, Jack vivia também no Sambizanga, no bairro ex-combatentes. Jordin começara a sentir-se melhor com às companhias constantes de Jack, que

numa noite aproveitara para pedir em namoro, ela não sabia o que dizer, porque estava loucamente apaixonada por ele, os olhos castanhos de Jack e a clareza da sua pele fez com que ela ficava ébria de amor e aceitasse o pedido. Nesta noite, o céu estava repleto de estrelas, ambos foram para um lugar isolado, onde o eco das vozes eram apenas deles para que ouvissem as palavras belas em dobro. Embora a companhia de Jack ter ficado mais forte, porque Jordin foi viver em casa do seu amado, ela sentia sempre saudade de sua amiga Maria.

O tempo seguia com o arder do sol que fizera em Luanda e o país continuava com as construções para consertar o que a guerra civil provocara e os rostos dos angolanos mudara diferente do tempo que Jordin vivia com sua mãe, onde o hino das mulheres era clamarem pela vinda dos seus filhos que eram levados

para guerra. Certo dia, Jordin e o Jack foram fazer uma visita num dos hospitais da cidade de Luanda, carregavam alimentos e algumas roupas que compraram no mercado do São Paulo, que ficava perto da sua residência. Chegando nos hospitais, viram situações que mexeram com eles, encontraram alguns doentes abandonados pelos familiares e outros na beira da morte, Jack aproveitava para contar histórias em algumas crianças que choravam de tanta dor e a Jordin conversara com algumas idosas que foram abandonadas pelos próprios filhos e familiares.

O hospital não tinha tantos profissionais para suportar os números de doentes encontrados, na verdade, eram muitos para o número reduzido de médicos que encontraram, cada rosto triste que à Jordin vira lembrara à sua amiga Maria quando passava mal nas noites do orfanato, e não conseguia conter às lágrimas e quando saíam do hospital, viram um número elevado de pessoas fora que não poderiam estar ao lado dos seus familiares, porque o hospital não cabia tanta gente, Jordin e o seu amado Jack saíram machucados, era a primeira vez que viram uma situação do género, apenas ouviam muitas vezes o

padre Marcelo e a madre Madalena a comentarem sobre alguns assuntos criticos que o país enfrentara.

Chegaram em sua casa com ar de quem correria uma maratona, porque estavam psicologicamente esgotados e pensavam o que poderiam fazer para melhorar aquela situação que não saia das suas cabeças.

— Amor, como é possível um filho abandonar o seu próprio pai no hospital? — Disse Jordin organizando a mesa para o jantar.

— Na verdade, essa gente não sabe o que é ter um pai ou uma mãe, eu tudo faria para ver o sorriso da minha mãe. — Falou o Jack com um brilho aos olhos e um sorriso que ilustravam às curvas dos seus lábios.

— Verdade, meus pais eram muito carinhosos comigo, não lembro-me muito deles, mas há momentos que recordo quando minha mãe pegava em minha cabeça, massageava suavemente os meus cabelos e fazia-me tranças de linhas no chão frio da nossa sala, o meu pai passava o tempo todo com o rádio aos seus ouvidos para ouvir os acontecimentos da guerra. — Respondeu a Jordin.

— Meu amor, esquecemos que devemos honrar os nossos pais para que os nossos dias na terra se prolonguem.

— Talvez não queremos tanto tempo nesta terra repleto de pecados. — Concluiu Jordin.

A noite estava calma, eles inalavam reflexões e procuravam soluções para consertarem o que havia de errado, queriam resolver problemas de milhões sendo apenas dois. E no dia seguinte, foram às compras no mercado do são paulo, o dia estava ensolarado, às pessoas cruzavam-se uns aos outros, foi assim que Jack viu uma senhora que carregava consigo uma bacia inundada de produtos, era uma zungueira, que caminhava com passos lentos e gritava. — Arreiou, Arreiouuuu no meu negócio e algumas vezes, gritava; eeeeeeee minha lambulaeee.

Jack não desviava o seu olhar firme na zungueira, até que um polícia jogou um pureti na mulher, estava com o seu bebé amarrado, largou a bacia de plástico que carregava, e todos que estavam em sua volta ouviram o grito, e gritou também o seu filho, e rapidamente a mulher desfez o pano que

amarrara o miúdo, às pessoas que estavam ao lado fixaram os olhos na criança, abriu torneira de sangue nas narinas do miúdo e os olhos estavam fechando.

— Moço, moçoóóó, caralho, olha o que fizeste na criança! — Gritou a zungueira agarrada ao miúdo.

A população viu o mesmo polícia correndo atrás de outra zungueira, que se refugiava nos corpos dos outros, Jack viu à criança dar os últimos suspiros e à sua mãe gritava como uma maluca.

Outra vez, Jack e a Jordin viram que estavam inseridos numa sociedade errada e bem diferente daquela que viveram, chegando em casa, tiveram uma tarde triste, não conseguiam comer, Jack na sua oração pedira “Senhor, por favor, sei que este mundo é dominado pelo diabo, mas faz milagre, o teu povo está morrendo de uma forma brutal, ajuda a nos amarmos uns aos outro como diz à tua palavra”.

O tempo seguia com olhares diferentes de Jordin e Jack, continuavam a procurar uma forma de ajudar o

povo a enxergar o direito humano e a verdadeira forma de viver em união. Certo dia, foram à um restaurante enquanto todos comiam calmamente, apareceu um maluco e gritava por todo lado do restaurante.

— Quero comer, por favor, me ajudem! E com urgência apareceu o guarda empurrara o maluco, Jack não suportara, levantara do seu lugar, foi impedir o guarda de expulsar o maluco.

— Senhor, senhor, não é necessário fazer isto, ele também é humano apenas tem fome.

Jack fez com que a ira do guarda aumentara sobre o maluco, empurrou de forma agressiva, Jack fartou-se da sua paciência, o restaurante viu uma luta e chegaram os polícias e foram levados. As coisas começaram a piorar no universo de Jordin, que apenas tinha uma estrela, que já não poderia brilhar nas suas noites, Jack, agora se encontrara preso, o seu amado que completara mais de quatro meses preso, polícias diziam que era um preso muito rebelde e que complicara o seu caso na cadeia, que era muito simples de se resolver.

Certo dia, foi visitar o seu amado. — Meu amor, tenho saudades. — Falou Jordin abraçando o seu amado e beijou-o, às lágrimas tiveram como destino suas bocas que provaram o amargo do momento que atravessavam.

— Eu também, meu amor, mas olha tudo vai ficar bem, falei com um advogado que veio aqui ter com um colega meu de cela, expliquei à minha situação, disse-me que tenho tudo para sair.

— Espero bem que sim, meu amor, às minhas noites já não são as mesmas, à cama está parecendo tão grande, mas eu oro, Deus vai ajudar. — Respondeu Jordin.

— Sim, meu amor! — Concluiu Jack.

Depois de alguns tempos, o desespero de Jack começara, já não aceitava mais ser visitado pela sua amada, segundo ele já não queria magoar o coração de sua amada, que não conseguia acreditar que o seu amado rejeitara suas visitas, começou a optar por envio de cartas, mas nunca teve êxito, a solidão fez o seu amado perder a fé, começou a fazer uso de drogas, chorava todas às noites, na sua cabeça nortevam

ideias loucas, já chegara a pensar que Jordin começara a traí-lo, mas nada do que pensara era verdade. Através de uma simples luta num restaurante Jack cumpriu um ano de prisão, exagero, não é? Mas, isto mesmo, um ano.

Numa manhã onde às nuvens responsabilizaram-se de atrasar o clarear do sol, Jordin viu o seu amado chegando, neste dia, Jack foi o sol dela, abraçaram-se como nunca e beijaram-se durante três minutos, choraram por muito tempo. Eles procuraram matar às saudades, mas infelizmente, Jordin percebera que o seu amado não era o mesmo, os seus olhos já não eram castanhos, ganharam cor encarnadas. Com o evaporar do tempo, Jack já não se importara com o amor ao próximo e quando via uma situação os seus comentários e reacções eram totalmente distintos e na maior parte das noites, saía em forma clandestina e voltava ébrio e esforçava fazer amor com à sua amada.

Uma vez, voltou fora do controle e tentou estuprar sua amada, que o amava muito, foi assim que Jordin decidiu deixar o Jack, que já não era aquele homem que conhecera no orfanato, já não era o rapaz

erudito. Mas uma vez, ela viu o mundo retirar outra pessoa que ama, foi viver num outro bairro, mas continuou sempre uma mulher trabalhadora, aprendera no orfanato que uma mulher não pode depender de um homem para se alimentar, começou a trabalhar numa creche, sempre gostou de cuidar dos outros, sempre que acariciava uma menina da creche, lembrara quando era criança e cuidava de sua amiga Maria que nunca a esquecerá.

No seu novo bairro, conhecera uma jovem de nome Aladadi, muçulmana, adorava sentar todas às manhãs na porta. Um certo dia, acenou com o braço para cumprimentar Jordin e culminou num diálogo.

— Olá tudo bem? — Falou Jordin com um olhar trémula devido à burca preta que à jovem usara.

— Sim, estou bem obrigada. — Respondeu a jovem com uma voz inundada de obstáculo devido o pano que cobria o corpo todo.

— És nova aqui também?

— Não, já estou aqui há um ano. — Respondeu Aladadi.

— Vives sozinha?

— Sim.

— Já somos duas. — Respondeu Jordin sorrindo.

E a conversa foi flutuando, mas Jordin questionava-se porquê à sua nova amiga cobria o corpo todo com aquela roupa preta, já chegara a pensar que falar com a Aladadi era como se tivesse a falar com um desconhecido e tinha vezes que lhe fizera lembrar quando ia ao confessionário, onde não poderia enxergar com quem falava, apenas ouvia a voz do padre.

A amizade de Jordin e Aladadi começou a ficar tão forte que acabaram por viver juntas, Aladadi fez com que Jordin se esquecera por um tempo da sua amiga Maria. Numa noite, Jordin decidira abrir o seu baú da mente para partilhar com sua nova amiga.

— Aladadi já amou alguém?

— Amar?

— Sim.

— Eu amo alguém! — Respondeu Aladadi.

— Sério?

— Sim, chama-se “Allah”.

— E onde está este Allah? E quem é ele?

Sorriu Aladadi antes de responder a sua amiga que não vira os seus dentes devidos a burca que tapava a sua boca.

— Allah, está aqui connosco, é o meu salvador.

— Falou Aladadi com às mãos no peito — Ele é o Deus que nos cuida! — Acrescentou.

— Então, você chama Deus de Allah, é isso?

— Sim, no meu País, somos muçulmanos, chamamos Deus de Allah.

— Ok! Mas, amiga o que eu quero saber, é mesmo de amar um homem. — Perguntou Jordin.

Aladadi ficou silenciosa, Jordin sem saber tocou no lado que à sua amiga guardara e nunca gostou de falar para ninguém sobre à sua vida amorosa, mas confiava na sua nova amiga e decidiu contar.

— Jordin, amei um homem com toda minha força. — Começou Aladadi com um tom de voz que

anunciava choro. As palavras de Aladadi fizera com que à Jordin viajara em sua mente, a fez lembrar como amava o seu amado Jack que já não o via por muito tempo, e o dialogo seguia, Jordin não desviara o olhar à sua amiga, mas o que ela almejava era enxergar o rosto de sua amiga, que estava vedada com a burca, mas de tanta convivência Jordin conhecia bem a voz de sua amiga, que tinha uma voz muito linda parecia da Marta, a jovem do coro do Orfanato.

— No princípio, tudo era tão maravilhoso, o conheci na universidade, fomos colegas de sala, o Seleh é muito bonito, mas nunca pensei que acabaria com à minha vida, tivemos um filho, infelizmente, morreu, nasceu com problemas no coração, foi daí que comecei a não reconhecer o Seleh, que conheci na universidade, o compreensivo e protetor, os meus pais o adoravam, independentemente disso, no meu país Paquistão, existe uma tradição chama-se SWARA, onde à mulher é vendida, estropada ou forçada a se casar com um homem em troca de uma dívida de sua família para selar uma aliança, Jordin ficou admirada com que a sua amiga contara, enquanto conversavam, à noite assistia.

— Também foste vendida? — Perguntou Jordin.

Aladadi demorou para responder, ficou parada no tempo chorava, mas Jordin não poderia enxergar devido as vestes que utilizava, soluçou e continuou...

— Não, felizmente meu caso foi diferente, meus pais e os pais do Seleh eram amigos e o processo ficou mais fácil, meu pai gostava muito do Seleh por ser um jovem ambicioso e inteligente, seu pai é muito conhecido em Islamabade, a capital do meu país, Aladadi parou de falar e ficou olhando para Jordin, respirou fundo e continuou com à sua saga.

— Amiga, lembro o dia que me casei com o Seleh, foi o dia mais feliz da minha vida, fomos passar à nossa lua-de-mel em cairo, a capital do Egipto, foi à minha primeira vez que vim para África, estávamos loucamente apaixonados, no segundo dia, fomos ver às pirâmides e visitamos alguns pontos turísticos daquele país, mas quando regressamos à paquistão às coisas começaram a mudar. Jordin viu sua amiga calando-se outra vez, Aladadi respirou fundo, estava chorando enquanto lembrara os momentos felizes do seu matrimónio. — Se quiseres parar de contar pode

parar não faz mal. —Disse Jordin comovida com a história, mas sua amiga queria tirar tudo que tinha dentro de si continuou...

— Seleh mudou completamente, já não tinha tempo para mim apenas para dirigir os negócios do seu pai. Certo dia, encontrou-me em casa disse que eu tinha outro namorado, não percebi o porquê, ele de dizer aquilo, talvez porque estava ébrio, agarrou-me no meu cabelo e puxava-me feito um animal, não conseguia acreditar que estava a viver aquele inferno, comecei a gritar para soltar o meu cabelo, foi assim que trancou à porta principal e pegou... Aladadi fez outra vez uma paragem, desta vez mais longa, soltou um grito, o grito do choro desta vez com um tom mais alto e Jordin ficara preocupada.

— O que foi amiga? — Perguntou Jordin agarrando em seus braços.

Continuou a Aladadi... — Seleh pegou no ácido e jogou em todo meu corpo. — Contou Aladadi tirando uma parte da burca, a parte que cobria o seu rosto.

Jordin não acreditara, viu pela primeira vez o rosto de sua amiga estava totalmente danificada, à sua boca parecia estar colada com o nariz, foi um choque para quem almejava ver o rosto de uma mulher com uma voz linda.

— Meu Deus, que isso querida? — Falou Jordin.

— É ácido que o homem que pensava que me amava, jogou em mim, amiga o ácido ardia muito, joguei-me no chão feito uma criança, gritei com todas minhas forças para ver se aparecia alguém para ajudar-me, mas infelizmente no meu país às pessoas queimadas são vistas como pessoas infiéis, mas não fiz nada, fui correndo para casa dos meus pais que vivia ao pé da minha casa, pensei que seria socorrida, infelizmente meu pai saiu a favor do meu marido, claro, ele adorava tanto o dinheiro, não se importava o que se passava comigo, mas minha mãe conhecia-me melhor, levou-me ao um posto médico que ficava perto. Passando alguns dias, minha mãe foi ter comigo em minha casa e questionou-me porquê o Seleh havia me queimando, expliquei que na noite anterior antes de jogar-me ácido disse-me que estava parecer uma mulher do ocidente, não entendia o porquê até porque

usava burca e às mulheres do ocidente dificilmente usam às burcas excepto as muçulmanas, e julgava que me comportava como elas e simplesmente foi a razão. Jordin chocada com o que ouvira e via.

— E não denunciaste o Seleh?

— Não, a polícia nada faz para contrariar o feito, no meu país a maioria das mulheres são queimadas pelos seus próprios maridos e muitas ficam com os rostos desfigurados e para piorar não têm dinheiro para uma cirurgia plástica. — Terminou Aladadi.

— Que triste! Não sabia que Paquistão vivia esta realidade. — Falou Jordin.

Aladadi chorava inconsolavelmente, Jordin olhava para sua amiga que com aquelas lágrimas fazia pensar que o que ela passara era apenas uma ventania de sofrimento comparando com que Aladadi passara.

— Não fiques assim amiga, o pior já passou. — Falou Jordin passando a mão no rosto desfigurado de Aladadi.

A noite foi marcada pela aquela conversa triste, Aladadi depois de desabafar tudo para sua amiga, caiu

num sono profundo diferente de Jordin que não conseguira dormir olhando para sua amiga. No dia seguinte, Jordin viu sua amiga vedando o seu rosto outra vez, sabia que à burca fazia com que ela se sentisse incluída numa sociedade, o dia ensolarado, viu ambas caminharem até à marginal de Luanda apreciando o mar por perto.

— Amiga, sei que não queres falar outra vez do que falamos ontem, mas estou com algumas dúvidas.
— Falou Jordin colocando os seus braços no ombro de Aladadi.

— Podes dizer! — Respondeu Aladadi.

— Como vieste parar em Angola? — Perguntou Jordin.

— Eu vim para Angola quando decidi fugir do Seleh e dos meus pais, voltei para o Egipto, à única coisa que queria ver foram às pirâmides, lembravam-me, o meu momento de alegria, mas depois de alguns dias, pensei que o Seleh viria atrás de mim, pensei ir num país que ele desconhecia, por isso, escolhi Angola.

— Estás a gostar de cá estar?

— Sim, Angola é um país lindo e do pouco que pude ver, o povo é bastante acolhedor, batalhador e a cidade de Luanda é multicultural e muito linda.

— E você, gostas do teu país?

— Claro, eu amo Angola não conheço outro país, embora gostaria de conhecer Itália, o padre Marcelo falava muito de Roma, e a conversa continuava a balouçar de um lado ao outro como os ventos que fizera na marginal de Luanda, ambas voltaram em casa abraçadas, o caminho todo falavam de lugares que gostariam de conhecer.

Chegando em casa, Aladadi fez um jantar especial, cozinhou algo especial, no seu país é feito quando se recebe em casa um convidado de alta importância.

— Hum, hum...Que cheiro amiga. — Falou Jordin saindo do banheiro.

— Hoje, jantaremos uma comida muito consumida no meu país chama-se Nihari. — Falou Aladadi.

A noite estava fria como as mentes daquelas jovens onde uma era a força da outra até que a Aladadi aqueceu à noite.

— Jordin, a noite passada questionaste-me se amei alguém, e hoje quero saber se já amou alguém?

— Perguntou.

Jordin respirou fundo e o seu semblante mudara com a pergunta que lhe foi feita, mas decidiu dizer o que carregava em seu coração.

— Bem, não sei se ainda o amo, mas conheci um rapaz de nome Jack no orfanato, era muito carinhoso e muito humano, sofria com o sofrimento dos outros, entendia-me com um simples olhar até que a desgraça entrou nas nossas vidas, foi preso por lutar com um segurança de um restaurante e ficou muito tempo na prisão e quando saiu já não era o mesmo. Voltou agressivo, incompreensível, gostava de fazer tudo a força, não respeitava opiniões dos outros, foi assim que um certo dia resolvi se afastar dele.

— Então, somos duas jovens que resolveram afastar-se das pessoas que amam! — Falou Aladadi com ar de tristeza, Jordin acenou com a cabeça para concordar com que a sua amiga dissera.

— Pensei que nunca chegaria neste estado, o Seleh era o ar que inalava, mas como dizem nem sempre o que queremos é o que acontece. Jordin voltou a acenar com a cabeça enquanto comia, e a conversa corria com cada decepção que uma dissera para outra.

Outro dia, Jordin e sua amiga procuraram fazer algo diferente, foram caminhando pelas ruas de Luanda, viram muitas crianças abandonadas e muitas delas idades compreendidas entre seis à doze anos, aquilo mexeu com os seus corações, e principalmente com Aladadi que perdera seu filho alguns anos atrás, Jordin não acreditara o que vira, era um número muito elevado de crianças a mendigarem nas ruas de Luanda, os olhares inocentes fizeram com que elas se sentisse obrigada a fazer alguma coisa para mudar aquela triste realidade.

Às horas corriam com aqueles olhares encarnados, que às crianças famintas doavam, era

como se dissessem, por favor, levam-nos convosco, não comemos o suficiente, as águas das chuvas caem em nossos corpos franzinos.

Depois de um passeio longo, Jordin e a Aladadi conheceram alguns musseques da capital do país, Luanda; Sambizanga, Cazenga, Cacuaco e Viana, depararam-se com situações tristes, chegando em casa resolveram fazer alguma coisa e pensaram e alguma coisa.

— Amiga, não sabia que existe tanta gente vivendo nas ruas, pensei que os órfãos e outros necessitados vivessem num orfanato como aconteceu comigo, mas vejo que não. — Falou Jordin.

— Sim, é verdade! Há tanta gente maluca andando sem saber por onde vai, isso é um perigo, o governo deveria pelo menos se preocupar em recolhê-los e interná-los numa psiquiatria onde possam ser tratados. — Falou Aladadi.

Jordin acenou com a cabeça para concordar o que sua amiga dissera.

— Amiga, não consigo esquecer aquela menina que a vimos no Sambizanga que estava sentada num banco vendendo, à sua idade é para estar numa escola, mas infelizmente, contou-me que está lutar pela sua sobrevivência, sua mãe tornou-se uma alcoólatra depois da morte do seu pai. — Falou Aladadi com uma voz que enunciava choro.

— Eu também não paro de pensar nela e no rapaz da cadeira de rodas, que estava na beira da estrada da paragem da vila de Viana pedindo esmola. — Respondeu Jordin.

— Enquanto voltávamos para casa fiquei a pensar, podemos fazer alguma coisa, estou pensando pedirmos ajuda em algumas empresas para criarmos uma organização filantrópica na área da saúde e educação. — Falou Aladadi.

— Isso mesmo que faremos, quero muito ajudar aquelas crianças e mais pessoas que necessitam da nossa ajuda e sei que o nosso Deus vai abençoar. — Vamos precisar construir um lugar onde dormirão tranquilos, e possam alimentar-se melhor, eu posso ser professora de inglês, francês e matemática.

— Eu posso ensinar costurar e doutrinas religiosas! — Falou Jordin com um olhar de quem tem a solução nas mãos. Depois de uma caminhada longa, ambas viram estrelas brilhando em suas mentes como às estrelas que brilhavam naquela noite, Jordin desta vez fizera o jantar, cozinhou arroz, feijão e peixe frito.

No dia seguinte, ambas foram para algumas empresas apresentando proposta, infelizmente, muitas empresas não foram de acordo, e chegaram a perder a esperança naquilo que os fizesse sentir melhor, mas não desistiram no primeiro dia, continuaram com à busca de apoios, anunciaram em algumas rádios, enviaram correios por algumas empresas e esperaram pelas respostas.

Chegaram enviar vários correios, e os correios enviados, infelizmente, às respostas foram negativas, foi assim que decidiram procurar empregos para criarem às organizações independentes, Jordin além de trabalhar na creche, começou a trabalhar em um hospital que ficava na Maianga, e Aladadi conseguira uma vaga numa instituição que ficava perto do primeiro de Maio.

O tempo corria com às esperanças de Jordin e Aladadi que com passar do tempo construíram uma pequena casa de três quartos onde conseguiram colocar alguns meninos que dormiam no mercado do São Paulo e aos fim de semana, Jordin ensinara às crianças doutrinas religiosas e costurar, Aladadi ensinara inglês, matemática e francês de segunda à sexta, no período da tarde quando saia do trabalho.

Passando alguns meses, à casa já contara com dez meninos, Jordin e Aladadi tudo faziam para garantir o bem-estar deles. O coração de Jordin e Aladadi começara a ficar tranquilo com o primeiro passo dado, mas os seus objectivos era construir uma casa maior para albergar mais ou menos oitenta crianças. O presente estava tão precioso na vida de Jordin e Aladadi, que se sentiam completa em ajudar o próximo por um instante se esqueceram dos seus passados que apenas as deixava insegura, Jordin o mundo começou a sorrir, foi promovida no hospital que trabalhava, saiu da área de recepção para

assistente do homem dos recursos humanos, o seu salário aumentara, foi assim que resolveram alterar um pouco a casa Filantrópica, que tinha o nome “House of Hope” nome atribuído pela Aladadi que significava “Casa de Esperança”.

A esperança era tanta que Jordin mandou construir um pequeno pátio. Como dizem por aí, a alegria do pobre não dura tanto, num dia ensolarado, Jordin saiu cedo do serviço chegou em casa à sua companheira não estava em casa, foi dar aula nos meninos, foi assim que ouviu um estrondo pela janela.

— Amiga, pode empurrar à porta, está aberta. — autorizou Jordin sentada no cadeirão fazendo algumas contas do hospital que trabalhava, sentiu o chão tremendo de forma diferente, desconfiara que não eram passos de Aladadi, girou o seu pescoço em sua volta para enxergar quem era, viu um homem alto com um casaco preto e uma calça jeans e um ténis preto sujo e os seus olhos encarnado, era o Jack que chegara ébrio, finalmente, descobriu a nova morada de Jordin, ela assustada e jogara os papéis ao chão que fizera um barulho como de palminhas de crianças, correu para o

quarto, tentou fechar à porta, mas infelizmente, ele foi mais veloz agarrou-a no seu cabelo.

— Pensaste que se livrarias de mim tão fácil sua maluca! — Falou Jack espumando pelos cantos da boca como um cão raivoso.

Jordin nada dissera apenas o enxergava com tanto medo não deveria gritar, o olhar de Jack era intimidador fez com que ela calasse. — Já sei que tens dinheirinho e que és à bandida deste bairro, agora mostrarei o que é brincar. — Falou Jack arrastando-a para sala.

Jordin gritou para ver se o soltasse, Jack levou à sua mão pesada na cara macia de Jordin, mordeu em seus braços para ver se o soltasse, sem sucesso, foi assim que o nervoso de Jack aumentara, resolveu levá-la até à cozinha.

— Vou acabar com à tua raça puta de merda. — Falou, chegando à cozinha, pegou numa faca e passou no rosto de Jordin que escorrera sangue e fez do chão da cozinha um mar vermelho.

Jordin tentava mexer-se como uma vaca num matadouro, mas não teve êxito, porque o seu amado Jack estava possuído de raiva, não soltava seu cabelo, cada vez que se mexia, desfigurava o seu rosto, quando parou de mexer-se, Jack soltou os seus braços, deixou-a deitada no chão. Passaram algumas horas, quando Aladadi chegara em casa, achou estranho, à janela e a porta estavam abertas, marcou passos lentos, foi assim que viu à porta do quarto aberto, girou em sua volta, viu papéis no chão.

— Jordin, Jordin... — Gritou Aladadi trémula e marcava passos lentos em destino à cozinha, viu sua amiga estendida no chão repleta de sangue. — Não, Nãooooo... Saiu correndo pedindo ajuda, foi assim que alguns vizinhos vieram ajudá-la a carregar sua amiga que desmaiou de tanto sangue perdido, levaram-na num centro médico que ficava próximo da residência.

— Doutor, como está à Jordin? — Perguntou Aladadi desesperada com às mãos a cabeça.

— Ela tem que ser levada para um hospital maior, perdeu muito sangue e necessita alguns balões de

sangue para repôr e vai precisar de uma cirurgia. — Disse o Doutor.

Aladadi fez o que doutor dissera, chegaram no hospital Américo Boa Vida, fora recebida de emergência e entrou na sala de atendimento, onde demorou sete horas, só assim Aladadi viu um doutor.

— Menina, fizemos tudo para ajudar à sua amiga, mas quero dizer que se encontra numa situação muito delicada. Dentro de algumas horas, vamos ver como vai reagir. — Disse o Doutor.

Aladadi não acreditara no que estava a acontecer, se perguntara quem foi capaz de fazer aquilo para uma pessoa tão bondosa como à sua amiga. O tempo passava com a angústia, que à Aladadi sentira, estava desesperada com vontade de ver sua amiga, ouviu passos lentos aproximar-se, era uma médica.

— Boa noite, jovem, já podes ver sua amiga. — Disse a médica. — Obrigada pelo aviso. — Agradeceu Aladadi.

Aladadi foi para sala onde estava sua amiga, marcava passos trémulos, em sua mente correrá

pensamentos pessimistas por um instante se esqueceram dos milagres de Allah (Deus), abriu a porta, enxergou sua querida amiga numa cama com tantos aparelhos ligados, e o seu rosto estava coberto devido os ferimentos que sofrera ficou admirada, não acreditava que era sua amiga, levou às suas mãos à boca e às lágrimas caíram. Aproximou-se da cama, não conseguia acreditar que aquela menina cheia de vida era que estava naquela cama.

— Amiga, por favor, não me deixe, o meu mundo ganhou cor desde que nos conhecemos, às crianças amam-te muito, não morra, temos objetivos para concluir. — Disse Aladadi segurando nas mãos da sua amiga, sei que meu Deus vai fazer milagre e voltarás ao normal, e descobriremos quem foi a pessoa que fez isso contigo. — Falou colocando à sua cabeça no peito de Jordin.

O tempo escorregava com o silêncio de Jordin e a sua amiga que continuava a fazer às visitas diárias quando saía do trabalho e passou apenas a dar aulas às crianças aos fins de semanas e a recuperação de

Jordin era muito lenta, os médicos faziam de tudo para recuperá-la. Passando três meses, a primeira surpresa na sua recuperação foi abertura dos seus olhos, neste dia, Aladadi ficara muito feliz, falara tudo para sua amiga, que apenas ouvia, mas nada falara. Numa manhã chuvosa, Jordin viu à sua mente começando a funcionar lembrara do rosto do seu amado Jack chorava inconsolavelmente, foi assim que o Doutor Pedro, o cirurgião, entrou na sala para vê-la.

— Bom dia jovem, como estás? — Perguntou com à prancheta nas mãos.

— Bom dia, senhor Doutor. — Respondeu Jordin limpando às lágrimas para o doutor não perceber.

— Doutor, por que que estou com o rosto vedado?

— Bem, sofreste um ferimento grave no rosto e foi necessário cobrir o teu rosto, mas daqui a uma semana vamos retirar.

— Lembras quem fez isso para ti? — Perguntou o Doutor que tinha um corpo atlético e olhos castanhos igual de quem decidiu acabar a vida de Jordin.

Ela parou no tempo e lembrou de tudo que acontecera, mas decidiu mentir ao Doutor, tinha vergonha de dizer que foi seu ex namorado.

— Foi um acidente! — Respondeu Jordin.

O doutor continuou analisando Jordin para verificar os ferimentos, sabia que a próxima semana tinha que retirar os adesivos no rosto e Jordin olhara para o doutor fixamente e os seus pensamentos o perturbavam, chegou a pensar que seria melhor ter um homem carinhoso e respeitoso como o Doutor Pedro. Foi passando algumas horas, Jordin estava sozinha na sala, a curiosidade tomava conta dela, queria tirar os adesivos ao seu rosto para ver como estava, desceu da cama, viu em sua volta uma mesinha que tinha uma tigela de alumínio, que dava para ilustrar o rosto, enquanto chegava próximo da tigela os seus passos estavam trémulos e os lábios tremiam, sua mente temia ver a realidade, retirou da tigela alguns matérias para levantar e observar foi assim que ouviu vozes nos corredores jogou-se na cama para fingir que nada se passava, Jordin viu entrar sua querida amiga Aladadi com às crianças do orfanato, correram todas ao encontro de jordin que parecia uma múmia feliz,

Aladadi ficou presa na porta sorrindo, viu sua amiga sorrindo e abraçando às crianças.

— Professora o que tens na cara? —
Perguntou uma das crianças.

— É apenas uma feridinha vai já passar e em breve vamos estar juntos, e como vão às aulas? Estão a estudar para prova?

— Sim. — Responderam em uníssono.

E a tarde de Jordin mudara completamente, na verdade, morria de saudade das crianças com elas sentia-se uma mãe que renovara às suas forças com a presença dos filhos que o abraçavam como nunca, e Aladadi apreciava tudo com os olhos inundados de lágrimas de alegria. E os dias corriam com a esperança de Aladadi, que queria ver à sua amiga de volta à casa, chegou finalmente o dia, que Jordin tirara o adesivo de sua cara, viu o Doutor Pedro entrando na sala com uma prancheta.

— Bom dia para paciente mais linda do hospital!
— Falou o doutor olhando para Jordin, que estava ansiosa.

— Bom Dia senhor Doutor! — Respondeu.

— Vou retirar o adesivo para vermos como está o seu rosto! Jordin estava trémula à sua respiração mudara devido ansiedade.

— Jordin, o que se passa? Relaxa, vais ficar bem.
— Falou doutor retirando o adesivo. Terminando de retirar os adesivos, o doutor pediu que a Jordin olhasse ao espelho que tirou do bolso esquerdo da bata. Ela pegou o espelho viu à sua beleza no chão.

— Meu Deus! Doutor o que é isso? — Gritou espantada com sua nova aparência, largou o espelho chorava inconsolavelmente.

— Calma! Jordin é apenas à primeira fase. — Falou o doutor tentando minimizar a dor. Jordin não conseguia voltar a ver o seu rosto, estava com uma cicatriz tão grande que parecia protagonista de um filme de terror, levou às mãos ao rosto e chorava desesperadamente, sua amiga Aladadi entrou na sala, viu Jordin cobrindo o rosto.

— Amiga, o que foi? — Perguntou Aladadi.

Jordin aumentara os gritos depois de ouvir a voz de sua amiga, tirou às mãos ao rosto e olhou para sua amiga que ficou admirada com o novo rosto de Jordin, abraçou-a fortemente, sabia que não era fácil viver com uma cicatriz no rosto a fez lembrar o dia que foi queimada pelo seu amado Seleh que nunca mais o viu.

— Amiga, calma! Tudo vai ficar bem! —
Tranquilizava à Aladadi beijando a cabeça de sua amiga tentando a calmar, mas não obtivera êxito. Jordin depois de uma semana, recebera alta, estava de volta a casa, olhava fixamente nas paredes e caminhava lentamente para cozinha ainda estava com medo de encontrar novamente o seu amado Jack, que acabara com a sua beleza e, agora, Jordin cobre o seu rosto com pano para não ser vista por outras pessoas, morria de vergonha. Certo dia, que sentou em sua porta uma criança passara, entreolharam-se, a criança correu gritando de tanto medo, Jordin virou um monstro para às crianças, deixou de dar aula e trabalhar, não queria voltar a sair na rua daquele jeito.

O tempo continuara correndo sem vendo o rosto de Jordin, até um certo dia, enquanto jantavam disse para sua amiga Aladadi.

.....

— Amiga, estou com saudades de sair sentir o sol em minha pele ver às pessoas caminhando. — Confessou.

— Sei o que estás a sentir, o mesmo que senti, mas a burca ajudou-me a cobrir o meu rosto.

— Estou cansada de usar pano para cobrir o meu rosto e às pessoas não param de olharem para mim, e para piorar às crianças me consideram como um monstro. — Desabafou Jordin.

— Se quiseres, podes usar também uma burca, arranjo uma para ti?

— Eu penso que esta veste é uma roupa muito própria, cultural e respeitada pelos muçulmanos. — Respondeu.

— Jordin, acreditamos que Deus é único e devemos adorá-lo e uma mulher tem a obrigação de cobrir todo corpo e vestir-se decentemente perante uma sociedade, o nosso livro sagrado islâmico Alcorão e os hádices e suna, exigem que os homens e as mulheres vistam-se e comportem-se modestamente em público.

.....

Jordin olhara para sua amiga que tentava convence-la para seguir o seu caminho religioso, viu nos olhos de Aladadi firmeza de uma rocha inabalável, assim aceitou o convite de sua amiga para conhecer o amor de Allah e do profeta Maomé, podemos dizer que Aladadi, fez como diz apóstolo Paulo, faz-se de tolo entre os tolos para os convencer, Aladadi fez-se de vítima para convencer a outra vítima. O tempo foi passando, Aladadi conseguiu uma burca para sua amiga, agora, tornaram-se muçulmanas, Jordin converteu-se, sabia que teria que seguir algumas regras que são crenças em um único Deus, crença nos anjos, seres criados por Deus, crença em vários profetas enviados à humanidade dos quais Maomé é o último.

Ela tinha que deixar costumes que aprendera no orfanato com os missionários europeus, para seguir seu novo estilo de vida, deveres dos muçulmanos; recitação e aceitação de crença (chahada), orar cinco vezes ao longo do dia (Salá, salat), observar jejum no Ramadão (Saum e Siyam). E jejum no mês do Ramadão que é o nono mês do calendário islâmico tem que se abdicar de bebidas alcoólicas, fumar e relações sexuais,

o jejum termina na celebração conhecida como Eid Ulfitr, onde agradecem a Deus, neste caso Allah pela força, foi numa desta celebração onde Jordin voltou a ver o doutor Pedro, que cuidou dela no hospital Américo Boa Vida.

— Olá Doutor! — Saudou Jordin vestida de uma burca que cobria o corpo todo, apenas dava para enxergar os seus olhos castanhos, doutor Pedro meio desconfiado não sabia quem falava com ele.

— Sim, desculpa, me conheces de algum lugar?

— Perguntou o doutor olhando nos olhos de Jordin.

— Sou a Jordin, já não recordas da tua paciente!

— Falou.

— Claro, lembro sim, como estás? Não sabia que rezas aqui também. — Respondeu.

— Sim, rezo aqui, comecei alguns meses atrás ao convite da minha amiga. — Falou apontando sua amiga que estava a conversar com outros membros da igreja. A

conversa rolava alegremente com a celebração do Ramadão, Aladadi sentiu-se muito feliz vendo sua

amiga recuperando o seu estado emocional rapidamente, mas nunca procurou saber quem tentou acabar a vida de Jordin, desconfiara do seu antigo namorado Jack, mas não queria fazer lembrar sua amiga o momento terrível que passara. Aladadi continuava dar aulas para às crianças que cuidavam, na casa que construíram e Jordin preparava-se emocionalmente para voltar a dar aulas, ela nunca mais ouviu falar do seu antigo namorado Jack que tentou acabar à sua vida, mas tinha alguém que fazia com que se sentisse mulher outra vez, era o doutor pedro, que vinha todas às noites ver Jordin que começara a gostar dele.

Numa manhã ensolarada, quando Jordin preparava-se à caminho da casa de caridade que construiu com sua amiga para voltar a dar aulas, viu uma notícia que a deixara triste e uma pitada de agridoce, estava dividida em sentimentos, às cadeias de comunicação anunciaram a morte de um jovem altamente perigoso que matara mais de cinco famílias em Viana, na verdade, era o Jack, o seu ex namorado, o seu coração queimou com o sol que fizera naquela

manhã, não sabia se gritava de alegria ou chorava pela morte.

Depois de Jack morrer, Jordin começou a dormir tranquilamente e às visitas do doutor Pedro ficaram mais frequentes e em sua mente começou a germinar novas esperanças diferentes de Aladadi, que seu mundo se tornara pequeno descobriu que o seu ex-marido Seleh estava em África, resolveu fugir sem dizer nada para sua amiga que amava muito, outra vez, Jordin voltou a perder uma amiga, ficou apenas com o doutor Pedro, que cuidava dela e das crianças.

Os tempos corriam com as buscas incansáveis de Jordin, que morria de saudade de sua amiga Aladadi, que deixara o seu coração vazio, procurou em todos os lugares deixou anúncio em rádios, jornais e televisão, mas não teve êxito, doutor Pedro tornou-se o professor substituto para as crianças que morriam de

saudade de Aladadi. Jordin não parou de frequentar à igreja, mas continuava com os jejuns, meditações e as suas pressas a Allah, eram para trazer de regresso sua querida amiga. doutor Pedro com sua atenção excessiva, conseguiu conquistar o coração de Jordin que há muito tempo sofria com a mágoa deixada pelo seu ex-namorado Jack, mas o doutor Pedro tudo fez para consertar o coração de Jordin, que necessitava bater para outra pessoa.

O namoro corria com a velocidade que ninguém conseguia parar, estavam tão apaixonados, sonharam ter vários filhos, e o doutor prometeu à Jordin curar o seu rosto, mas com ou sem à burca, ele amava fortemente à Jordin, mas se sentiu obrigado a dar à auto-estima a sua amada, foi assim que começou juntar o seu salário em forma clandestina para que sua namorada que não desconfiava de nada. A saudade e a solidão eram companheiras de Jordin até que um certo dia, doutor Pedro decidiu viver ao seu lado, ambos todas às noites planificavam como dar avanço a casa de caridade, que estava se tornar pequeno, alguns meses atrás Jordin e o seu amado doutor Pedro trouxeram mais dez crianças, que viviam nas ruas do

Sambizanga. Jordin sentia-se maravilhada em ajudar o próximo e o doutor Pedro almejava o mesmo, com algumas economias que Jordin tinha conseguido alargar um pouco o lugar onde viviam às crianças, construíram um centro médico que tinha como propósito de ajudar às pessoas com epidemias, mas nenhum valor em troca do tratamento, doutor Pedro ficava feliz ajudando pessoas da comunidade.

O tempo foi passando, a casa de caridade começou a ganhar destaque, vinham pessoas de vários pontos de Luanda, Jordin viu uma grande oportunidade com aderência obtida e pensou em voltar a pedir ajuda em algumas empresas, mas rejeitaram uma, duas e três vezes, preferiam apoiar eventos musicais e outros, mas Jordin não parou foi a procura de trabalho, pensava que seria fácil encontrar como nas últimas vezes que foi, mas desta vez foi diferente, foi negada porque vestia uma burca alguns proprietários julgavam que não estava vestida de forma ideal para obter trabalho, mas Jordin

permaneceu com sua fé inabalável como da sua amiga Aladadi, que a mostrou o caminho de Allah.

O tempo foi passando, Jordin continuava colocando crianças de rua para casa de caridade, e as ensinava tudo que uma criança poderia aprender, levava-os para conhecer a cidade de Luanda e começou a criar alguns festivais para angariar alguns donativos. Certo dia, seu amado doutor Pedro chegou sorridente em casa, sabia que o mundo de Jordin mudara com a surpresa.

— Amor, Amor... — Gritou doutor Pedro correndo para o quarto onde estava à Jordin.

— Sim. — Respondeu Jordin com a bíblia (alcorão) em sua mão sentada na cama.

— Consegui, conseguiiii. — Gritou doutor Pedro emocionado. — Não estou a entender! O que conseguiste? O doutor não conseguia dizer, beijou a testa de Jordin que estava vedada com sua burca preta. — Amor, já faz tempo que estou guardando todo meu salário para curar o seu rosto e voltarás ao normal.

.....

Jordin acenou com a cabeça para dizer que lembrara da promessa, continuou o doutor.

— Sim, eu falei com o doutor Agostinho Sebastião, conhecido como o melhor cirurgião do Brasil para fazer-te uma cirurgia e hoje respondeu à minha mensagem, disse que está cá em Angola, vai ficar por cinco meses trabalhando numa clínica e amanhã vai poder te atender. Jordin não acreditava no que estava a ouvir pulou de alegria, abraçou o seu amado.

— Obrigado Allah (Deus). — Gritou Jordin.

Uma nova página na vida de Jordin começou. No dia seguinte, foi à clínica na companhia do seu amado para dar início ao processo da cirurgia, Jordin ficou um mês na clínica, que ficava localizada na ilha de Luanda.

Voava o tempo, Aladadi chegou à Inglaterra, começou a se sentir tranquila sabia que o seu amado Seleh não tinha noção de onde estava. Ela escolheu à cidade de Manchester para ficar tranquila longe do seu amado. Ficou maravilhada quando percebeu que poderia comunicar-se com facilidade, na verdade, a

Inglaterra à sua língua oficial é inglês e no seu país Paquistão fala-se também inglês, além do Urdu, e outras línguas nacionais, o seu País faz fronteira com a Índia, e é o sexto país mais populoso do mundo. Aladadi foi viver em Norther Quarter, pois estava hospedada em High Street Townhouse, que foi construído em 1897 por Wilson Bothamley, na verdade, o edifício era originalmente uma chapelaria, agora transformada num aparthotel boutique de dezanove apartamentos. Enquanto ia de uber para o lugar que estava hospedada, olhava pela janela do carro a beleza da cidade, mesmo assim não se esquecera de sua amiga Jordin que ficara em Luanda, que naquele exato momento, encontrava-se numa cama do hospital ver o seu terror chegando ao fim, diferente de Aladadi, que começara um novo episódio, os pensamentos fizeram com que Aladadi se esquecera que estava dentro de um táxi até que o motorista interrompeu. — Lady, we arrived. — Falou o motorista “Senhora, chegamos, em inglês com um sotaque escocês. — Thanks! “Obrigado”. — Agradeceu Aladadi com suas malas nas mãos e sentiu a necessidade de pousar devido o peso. Já na porta do

edifício, olhava em sua volta, viu a população com vestiário muito diferente do que vira em Angola, chegou a pensar que a causa da distinção esta envolvido por serem na sua maior parte deles idosos.

Caminhava de forma lenta em direção à porta onde estava um senhor com uma barriga salienta, era o segurança que acenava desejando-a “ Welcome”, Aladadi agradeceu entrou, viu no hotel decorações incríveis, foi imediatamente a recepção onde à jovem que a atendia estava estupefacta foi a primeira vez que enxergava uma cliente com burca, Aladadi percebeu não era a primeira vez que acontece, fez a questão de acelerar o processo de pagamento e foi logo no quarto que lhe foi indicada. Já no quarto, sentiu a necessidade de desvendar o seu rosto, o dia estava ensolarado jogou à mala em sua cama, e aproveitou para se familiarizar-se com à sua nova morada, caminhava lentamente, acariciava o sofá que estava perto da porta, sentiu uma tranquilidade e às horas corriam como água que escorria no corpo de Aladadi que estava a tomar um banho.

Saindo do banheiro, chegou próximo da janela que dava para enxergar quem passava pela parte de

fora foi assim, que viu três jovens que também usavam burca, apeteceu-lhe gritar e dizer também que é muçulmana, mas estavam distante e se calhar não ouviriam pensou Aladadi enxugando às gotas de água em seu corpo, pegou à sua burca que estava em cima da cama, colocou-a e começou a arrumar às suas roupas no armário que ficava ao lado de uma mesinha que estava decorada com livros de literatura inglesa deu para dar uma olhada em alguns que ilustravam nomes como; J.K. ROWNLING, SHEAKESPEARE e outros.

Aladadi terminou de colocar às suas roupas no armário e desceu no lugar de lazer do hotel, mas à sua mente não lhe deixara em paz foi assim que teve a ideia de ligar para sua querida amiga Jordin que ficara em Angola, na verdade, ela tinha bastante saudade que até fez lembrar a simplicidade e a reciprocidade de sua amiga. Aladadi chegou no Bar do hotel, girou em sua volta reparou que era a única mulher no local onde estava repleto de senhores que na sua maioria desfrutavam a vida com um sorriso largo e conversavam intensamente e pareceu que naquele dia todos estavam felizes, percebeu que à sua observação

foi precipitada quando viu no fundo do bar um senhor como os olhos colado no computador e quando ela o enxergava, o senhor fazia o mesmo, parece que rolou uma química inexplicável, que depois de passar alguns minutos, o senhor teve a coragem de chegar próximo.

— Olá tudo bem? — Falou o Senhor que olhava nos olhos de Aladadi. — Sim, estou bem. — Falou Aladadi meio atrapalhada nas suas respostas.

— O que estás a beber? — Café! — Respondeu Aladadi com um ar de quem necessita de uma companhia.

— Fui meio egoísta estando sentado aí e deixando-a sozinha nesta mesa sabendo que posso partilhar tantas coisas contigo. — Falou o Senhor com um olhar de conquistador.

— E como se chama esse senhor que quero partilhar as suas coisas comigo.

— Prazer, sou o Michael. — Falou esticando à sua mão para encontro das mãos de Aladadi. — Prazer é todo meu! Eu sou à Aladadi. — Uau! Que nome tão

lindo! — Obrigada! Michael foi pegar às suas coisas e veio sentar ao lado de Aladadi. Na verdade, ele estava tão curioso para ver o rosto de Aladadi que estava coberta com a sua burca. — O que estás a fazer no computador? — Estou a terminar de escrever um romance! — Respondeu Michael olhando sempre nos olhos de Aladadi que começara sem jeito. — Sério? — Sim, sou escritor, tenho um livro publicado e acho que chegou o momento de lançar o segundo livro. — Parabéns! — Obrigado, gostas de ler? — Sim, eu amo ler, recordo que fui a melhor aluna na Universidade de Karachi, na faculdade de Letras, adoro literatura inglesa e norte Americana. — Que bom! Universidade de Karach? — Perguntou Michael tentando adivinhar onde fica, foi assim que a Aladadi o ajudou. — Sim, fica no Paquistão, eu sou paquistanesa. — Ótimo! É primeira vez que falo com alguém que viveu na Ásia. — Prazer é todo meu! — Ainda ontem pude saber que aqui na Inglaterra encontra-se um milhão de paquistaneses. O que o Michael acabara de dizer mexeu com as ideias de Aladadi que ficou com medo, chegou a pensar que um dos seus ou familiares ou de Seleh pode vê-la e dizer onde se encontrava. — O que

foi? - Perguntou Michael. — Nada não. — Respondeu Aladadi invadida pelos seus pensamentos. — É possível, antes de sair do meu país soube que mais de um milhão de paquistaneses, estão nos Estados Unidos da América. — Falou Aladadi.

— Mas, por que que as pessoas do seu país imigram tanto? — Olha Michael, o meu país enfrenta tantos problemas sociopolítico, imagina que às mulheres não têm se quer voz de dizer o que pensam sobre os nossos maridos, eles são praticamente os nossos proprietários. — Sério? — Sim, infelizmente! — Respondeu Aladadi com ar de quem está cansada de ser porta-voz desta triste realidade, e a conversa continuara com os sorrisos dos outros senhores que estavam por perto e foi assim que o telefone de Michael tocara. Levantou-se, dava passos lentos enquanto falava ao telefone, e Aladadi começou a olhar de forma firme, parece que desta vez voltou a se apaixonar sem nenhuma influência dos seus pais como aconteceu com o Seleh onde os seus pais foram muitos influentes para ficar com o seu antigo amado, que neste momento está a sua procura em luanda. Enquanto, o Michael falava no telefone olhava sempre

em sua trás onde estava sentada à Aladadi e muitas vezes se encontravam no olhar e um procurava disfarçar no olhar, quando Michael terminou de telefonar se aproximou de sua nova amiga que continuara tomando o seu café.

— Desculpa!

— Não faz mal.

— Olha! Estou adorando a sua companhia, mas infelizmente tenho mesmo que ir, esta ligação na qual recebi é de uma editora muito importante no país. Acho que agora vou publicar o meu segundo livro, na melhor editora do país. — Uau! Fico muito feliz Michael. — Falou Aladadi com um sorriso largo onde era impossível ver o seu rosto devido à burca.

— Olha, estou hospedado aqui, e ainda vou ficar mais ou menos dois meses estou a trabalhar numa pesquisa por aqui, na verdade, eu vivo em londres.

— Ok! Eu cheguei aqui hoje, mas não sei por quanto tempo vou ficar aqui! — Então, acho que nos veremos sempre e tomar um pequeno almoço! Michael despediu-se de sua nova amiga e continuara a

caminhar com passos firmes, Aladadi ficou parada no tempo embriagou-se com o charme do seu amigo escritor.

.....

O tempo passara, Aladadi voltou no seu quarto, foi novamente em direção à janela ficou olhando fixamente às pessoas que passavam, o dia se preocupava em terminar com um lindo pôr-do-sol que ajudou a lembrar enquanto caminhava na marginal de Luanda com à sua amiga Jordin, as saudades falaram mais alto, fez com que Aladadi pegava no telefone fixo de cor branca, que estava na banca perto da cama e discou o número de casa. Enquanto o telefone chamava ficava trémula, e ansiedade tomara conta dela, mas infelizmente ninguém atendeu o telefone. Claro, era de se esperar, Jordin e o seu novo namorado, doutor Pedro, viviam momentos únicos, Aladadi deitou-se na cama, viu dos seus olhos se fazendo rio de lágrimas, chorava inconsolavelmente as saudades.

O dia acabara de escurecer, ela sem vontade de descer para ir jantar, resolveu fazer um pedido para jantar no seu quarto. E, assim à noite seguia, as estrelas

brilhavam e a lua estava completamente cheia fez com quem Aladadi antes de dormir desse o seu olhar na janela. No dia seguinte, Aladadi planificou ir conhecer à cidade. Foi tomar um banho enquanto a água escorria em seu corpo pensava no seu novo amigo escritor Michael, a estrutura física e os olhos castanhos fizera com ela não se esquecera facilmente dele. Quando saiu do banheiro, ouviu alguém a bater à sua porta, Aladadi estava trémula, ficou a questionar-se quem poderia ser aqueles horas, antes de abrir a porta, foi logo colocar à sua querida burca não queria que a pessoa que estava a bater olhasse no seu rosta e via a queimadura.

— Bom Dia! — Falou o senhor que batia a porta, era um dos funcionários do hotel, na sua mão estava uma rosa acompanhada com uma carta.

— Sim, Bom dia. — Respondeu Aladadi meio confusa se questionava quem poderia ter mandado aquela rosa.

— És a Senhora Aladadi? — Sim, sou! — Aqui esta à tua rosa. — Concluiu o senhor.

Aladadi recebeu à rosa e fechou a porta e seguiam as dúvidas, estava muito ansiosa para saber quem foi que enviou a rosa, abriu a carta que dizia: “ Bom Dia querida Aladadi, foi muito bom, conversar contigo ontem, infelizmente, tinha que deixar a conversa pela metade, então não me perdoou se não terminarmos a conversa, e claro te conhecer melhor, pois, eu estou a tua espera na porta do hotel, quero ser o teu guia turístico. Tens apenas cinco minutos para estares pronta, mas do que isso vais me dever um jantar” .

Aladadi sorriu quando terminou de ler à carta, sentiu o seu corpo meio estranho em sua barriga fizera um friozinho, isso só aconteceu com ela quando viu pela primeira vez o seu antigo marido Seleh que neste exato momento está à sua procura em Angola. Aladadi já estava com à sua burca no corpo era a sua única veste, mas sempre teve vontade de vestir outras roupas e especialmente naquele exato momento para impressionar o Michael. Antes de sair, cheirou a rosa que estava perfumada e enquanto inalava o cheiro, fechava os seus olhos e a sua mente trazia para si o rosto de Michael. Saiu, chegou onde estava o Michael

que desta vez pareceu lindíssimo do que a vez que estava a tomar café com Aladadi. Estava com um vestuário informal. — Bom dia! — Saudou Aladadi — Sim, Bom dia! — Como estás? — Estou bem graças ao Allah (Deus). — Respondeu Aladadi com um sorriso leve. — Desculpa por te fazer levantar cedo! — Não faz mal, já estava acordada.

Michael sempre que soltava uma palavra para Aladadi, olhava na pequena tela da sua burca, que cobria o corpo todo. — E como foi ontem o seu encontro com a Editora? — Perguntou Aladadi. — Foi uma coisa maravilhosa, eles querem assinar comigo um contracto de dois anos! — E o que disseste? — Perguntou Aladadi Michael ficou com um semblante muito sério, parecera que negou o contracto que lhe foi feito. — Hum, hum... finalmente! Sou da melhor Editora da Inglaterra! — Respondeu Michael sorrindo abraçando fortemente Aladadi que ficara surpreendida com aquele gesto do seu novo amigo, mas percebeu logo que a emoção tomou conta da situação.

Depois daquele forte abraço, Michael surpreendeu sua amiga à irem para à biblioteca John

Rylands. Chegaram, Aladadi não acreditara no que estava a ver, a biblioteca neste dia estava com bastantes visitantes. Aladadi viu um lugar magnífico com um estilo neogótico, que transforma uma atmosfera fascinante com vitrais, estátuas e outros pormenores arquitetónicos. Ela ficara muito impressionada quando o seu amigo lhe informara que a entrada na biblioteca é grátis.

Aladadi olhava de uma forma firme em tudo que estava na biblioteca e questionava tudo para o seu amigo Michael que a respondia com todo prazer, era um dos seus lugares favoritos sempre que vinham em Manchester. Foi passando algumas horas, Michael pediu a Aladadi para que viesse com ele para outro lugar maravilhoso, retratava da Shambles Square, que fica logo ao lado da catedral, um lugar com restaurante com vista atracões de Manchester.

Ambos chegaram, foram em direcção a uma mesa e imediatamente chegou o jovem do atendimento. — Olá, sejam Bem-Vindos! — Rematou o jovem com um sorriso largo no rosto. — Obrigado. — Responderam com o mesmo sorriso que o jovem dera. — O que vão querer, senhor? — Um refrigerante

para mim e um prato de Roast Beef! — Ok, e a senhora o que vai querer? — Perguntou o Garçon. — Uma garrafa de água e um prato de Roast Beef o mesmo que o senhor! Michael sorriu quando ouviu Aladadi a chamá-lo de senhor. — Ok! — Concluiu o Jovem que estava com a prancheta de atendimento em suas mãos. Enquanto, aguardavam os que eles acabaram de solicitar, Michael aproveitou para fazer algumas questões à Aladadi. — Desculpa, desde ontem que estou muito curioso para saber porquê que usas a burca? Aladadi ficou um pouco intimidada com a questão, levou alguns minutos para responder. — Eu sou muçulmana. Na verdade, os muçulmanos são às pessoas que praticam o islão, uma religião monoteísta centrada na vida e nos ensinamentos de profeta Maomé, e no meu país é obrigatório o uso desta veste que se chama “burca” e também no país vizinho Afeganistão.

— Sério? — Perguntou.

Continuou Aladadi depois da interrupção do seu amigo. — Sim! A burca é consequência da cultura

islâmica e por isso está relacionada ao Hijab, que tem origem árabe e não se refere a uma roupa específica, mas um estilo de vestimenta e significa “Cobertura” ou “Roupa que tape” e os muçulmanos dizem que é necessário respeitar o Hijab, e sendo uma mulher muçulmana devo seguir esta lei da religião de cobrir o corpo. Mas, além desta veste existem outras mais como; Chador que apenas cobre a cabeça, Niqab muito semelhante a este que estou a usar, porém os olhos não são cobertos, Hijab cobre apenas os cabelos e o pescoço, Shayla lenço para cobrir a cabeça, e Al-Almira cobre a cabeça e o pescoço apenas. — Incrível a variação do uso da vossa veste. — Disse Michael, que olhava nos olhos de Aladadi como nunca.

— Com licença. — Falou o Jovem pedindo permissão para pousar o tabuleiro que estava carregado com os pedidos solicitados.

Continuou com as questões o Michael, que queria saber tudo sobre sua nova amiga. — Quando ontem disseste para mim que o seu país estava com problemas o que querias dizer com aquilo? Aladadi parou no tempo, sabia que aquela resposta faria com que ela tão cedo revelasse o seu segredo. O vento batia

em sua burca, a mente fez a questão de recordá-la quando contou o seu segredo à sua querida amiga Jordin, mas Aladadi sentiu-se segura ao lado de Michael e decidiu respondê-lo.

— Olha apesar de a burca fazer parte da nossa cultura muçulmana, ela é meu grande refúgio, alguns anos atrás fui...fui... Aladadi hesitava na sua fala, fui queimada no rosto com ácido pelo meu marido. Aladadi, parou de comer era difícil falar daquele momento, bebeu um pouco de água, Michael nada falara, ficou parado apenas queria ouvi-la. Continuou... No meu país, às mulheres não têm direito de quase nada, somos proibidas nos apaixonar pelos homens que desejamos ainda vivemos com hábitos e costumes tribais, praticamente, fui quase vendida a família do meu marido Seleh, que anda o tempo todo atrás de mim, estou cansada! — Concluiu Aladadi chorando. Michael ficou muito sentido com que acabara de ouvir perdeu a vontade de comer sentiu a obrigação de escrever tudo que ouvira de sua amiga. Começou a escurecer, o dia perdera alegria que tivera em algumas horas atrás, voltaram para o hotel, foi assim que o Michael pediu para Aladadi terminar

de contar tudo sobre ela, estava disposto a ajudar a ganhar a alegria da vida e oferecer a ela uma nova história e assim aconteceu.

O tempo foi responsável para transformar aquela simples amizade é um verdadeiro amor. Aladadi com ajuda do seu novo amor, tornou-se professora na Universidade de Cambridge e uma escritora, escreveu vários livros retratando a realidade feminina do seu país, e teve uma grande surpresa em menos de um ano, foi bestseller junto do seu amor Michael responsável do seu sucesso, que também cumpriu com sua promessa de ajudá-la a fazer cirurgia, finalmente, Aladadi viu o seu rosto liso e melhor do que antes. O sucesso era tanto que cumpriu o seu desejo de abrir à sua empresa de nome Alahope. A vida de Jordin e de Aladadi ganhou o brilho do sol, que fizera sempre na ilha de Luanda, onde estava à Jordin acompanhada do seu amado Dr. Pedro.

Jordin estava totalmente curada, não sabia como agradecer o seu amado pelo feito e para aumentar à sua alegria recebeu uma ligação de um empresário. — Boa tarde, é possível falar com à senhora Jordin? — Perguntou o senhor, que falava no telefone que tinha

uma voz ronca. — Sim, senhor falas com ela. — Respondeu Jordin. — Aqui fala o gerente da empresa Alahope a partir da Inglaterra, estamos interessados em ajudar a vossa casa de caridade. Jordin quase viu o seu coração disparar e correndo pela rua gritando que vale apenas esperar nas promessas de Allah (Deus). — Obrigado senhor pelo interesse! — Concluiu Jordin.

Foi assim que Jordin e o empresário acertaram tudo, dentro de três meses a casa de caridade, se tornou um lugar irreconhecível, tinha tudo que um lar necessitava. Chegou o dia da inauguração depois do apoio fornecido, Jordin e o seu amado estavam lindos, mas não poderiam inaugurar o lugar sem que a dona da empresa Alahope, que patrocinou tudo chegasse, demorou algumas horas para chegar, o lugar estava repleto de pessoas para verem como ficou o lugar, foi quando viram descer de um carro de marca Ferrari de cor vermelha, uma mulher linda que tinha uma cor igual ao do sol que fizera naquele dia. Jordin não acreditara no que estava a ver, aproximou para enxergar melhor a pessoa que ajudou-a realizar o seu grande sonho, viu que era sua amiga que a deixara sem dizer nada, correu desesperadamente para abraçá-la.

— Meu Deus, Aladadi? — Perguntou a demirada. — Sim, minha amiga! — Respondeu Aladadi que já não usava à burca o seu rosto ficou liso como um coração sem mágoas, ambas abraçaram-se choravam de alegria, às lágrimas inundavam as maquilhagens feitas em seus rostos, e em seguida entraram na nova casa filantrópica que Aladadi resolveu trocar de nome, agora conhecida como “Orfanato da Esperança”.

O dia foi repleto de alegria do doutor Pedro e o Michael, que se sentiram-se homens mais felizes do mundo em ajudarem a construir um dos orfanatos mais luxuoso de Angola. No fim do dia, Jordin e Aladadi aproveitaram para matar a saudade, mas Jordin continuara estupefacta com atual vida de Aladadi que contou como a sua vida mudara.

— Amiga, perdoa-me por tudo que fiz, tinha que ir naquele momento, recebi uma ligação a partir do Paquistão dizendo que o Seleh estava aqui a minha procura para acabar comigo, porque ainda eu era sua esposa ele não tinha assinado o divórcio, foi assim que decidi ir para Inglaterra, e lá comecei a dar aula na universidade de Cambridge, e minha vida começara a mudar aos poucos, meu actual marido ajudou-me a

fazer operação no meu rosto para me curar da queimadura do ácido. E tudo corria bem, criei a minha empresa com abreviação do meu nome e a palavra esperança em inglês que deu Alahope. Jordin sorria emocionada com o sucesso de sua amiga que se tornou uma mulher de sucesso e além disso, Aladadi tornou-se uma escritora famosa, escreveu vários livros a relatar a sua história que comoveu o mundo e o seu país Paquistão, tornou-se best-Seller, e conseguiu divorciar-se do seu amado Seleh, que acabou morto por acidente de viação.

Foi assim que o vento forte soprava suavemente a pele de Jordin que nunca se esqueceu sua amiga de infância Maria, o nome que Jordin escolhera para sua filha para homenagear sua querida amiga de infância que a conheceu no orfanato. Jordin casou-se com o doutor Pedro, tiveram três filhos, e Aladadi voltou para o seu País com o convertido escritor Michael, um escritor famoso mundialmente com sua obra intitulada “Os olhos de uma Asiática”, que vendeu mais de noventa milhões de exemplares e foi traduzido em mais de 70 línguas. Luanda, ganhara nova cara, a

capital de Angola, ficou conhecida mundialmente devido o orfanato luxuoso.